

**Plateia dos Mundos**  
**ÁLVARO BRITO**  
**06 DEC 2012 – 12 JAN 2013**

A 3+1 ARTE CONTEMPORÂNEA, apresenta a primeira exposição individual do artista português Álvaro Brito (1985).

*Plateia dos Mundos* apresenta-nos um conjunto de trabalhos representativos da pesquisa que o artista tem desenvolvido em que investiga e explora noções de arquitectura, perspectiva, escala e construção de espaços, produzindo esculturas que resultam em objectos, fotografias ou caixas de luz.

No vídeo podemos ver um anfiteatro de características vitruvianas que teve como ponto de partida a descrição do Teatro da Memória de Giulio Camillo (1480-1544). Este “teatro” tinha como objectivo ser experienciado através de técnicas mnemónicas. Na Arte da Memória da Grécia antiga os oradores criavam arquitecturas mentais onde “depositavam” conhecimento ao qual pudessem aceder quando necessitassem recordar um longo discurso.

No peculiar espaço de Camillo a aspiração a uma universalização do conhecimento fez com que a técnica para a sua assimilação necessitasse não só do acto físico de navegação pelo “teatro” acedendo (como numa biblioteca) a diferentes secções do conhecimento humano, mas também de uma técnica mental em que fosse necessário complementar esta experiência com o percorrer de um espaço paralelo (mental). No vídeo *Teatro da Memória* tenta-se observar as alterações que se vão efectuando na posição do espectador que, como no teatro de Camillo, se interpenetra com o da posição de actor.

Esta experimentação é a continuação da pesquisa de questões de escala e imagem que se têm cruzado no trabalho do artista; se até aqui houve a predominância da escala de “maquete de arquitecto” e a pesquisa da sua transformação pela fotografia, agora pretende-se tornar viva essa experiência de percepção. Por isso neste projecto o estudo de pequena e grande escala estende-se também ao espaço arquitectónico da galeria.

Nas 3 caixas (*Lugar Mental 1, 2 e 3*) isto traduz-se através do cruzamento da experiência física com objectos e a percepção visual fotográfica (no seu sentido mais cinemático). Nelas temos um meio em que é necessário perceber espaços com uma estrutura interior independente do espaço expositivo, para que possam depois fazer-se transportar pelo observador como atmosfera mental, onde a abolição de escala seja total.

Através das múltiplas camadas de escala é evidente que o papel do observador se torna activo, quase performativo, enquanto convidado para dentro destes espaços. A constante mudança do ponto de observação questiona o acto de ver através dessa limitação física no compromisso com a peça. Nessas variadas plataformas somos absorvidos para um sítio distante, e estranhamente próximo.